

A trajetória de Helder Camara: Miséria e injustiças sociais, a mãe de todas as violências

The trajectory of Helder Camara: Misery and social injustices, the mother of all violence

Rosildo Henrique da Silva¹, UNICAP

Resumo

Esta pesquisa vem analisar a trajetória do arcebispo de Olinda e Recife, evidenciando a luta contra a miséria e injustiça sociais durante o período da ditadura civil-militar. O objetivo é identificar a atuação de dom Helder para combater à miséria. A pesquisa é qualitativa e utiliza as cartas circulares e os discursos de Helder Camara. Portanto, o arcebispo de Olinda e Recife criou alguns movimentos para combater à miséria e também denunciou as injustiças sociais durante a ditadura civil-militar.

Palavras-chave: dom Helder; misérias; injustiças sociais; movimentos.

Abstract

This research analyzes the trajectory of the Archbishop of Olinda and Recife, highlighting the struggle against poverty and social injustice during the period of the civil-military dictatorship. The objective is to identify the actions of Dom Helder to combat extreme poverty. The research is qualitative and uses circular letters and speeches by Helder Camara. Therefore, the archbishop of Olinda and Recife created some movements to combat poverty and also denounced social injustices during the civil-military dictatorship.

Keywords: dom Helder; miseries; social injustice; moves

Introdução

Neste artigo iremos analisar a trajetória de dom Helder Camara, arcebispo de Olinda e Recife durante a ditadura civil-militar. Dom Helder nasceu no dia 7 de fevereiro de 1909 no Ceará. Aprendeu a lutar pelas causas sociais com sua família, principalmente a sua mãe, a quem ele fala constantemente nas suas Cartas Circulares, evidenciando que ela foi sua mestra. As ações da mãe tocaram bastante na vida de dom Helder, ele acreditava que ela foi uma professora que ensinou com o seu exemplo, Helder conta: “a vi distribuindo pelos filhos, alguma fruta mais gostosa e mais nova, sem pensar nela, sem nada guardar para si”². Quando Helder Camara estava perturbado e ansioso a sua mãe chamava-o de José, dizendo: calma José! José era o nome que dona Adelaide, mãe de Helder, queria ter chamado Helder Camara. Dom Helder começou também a cognominar de padre José e o seu anjo da guarda, também foi chamando de José. Ele

¹ Doutorando em Ciências da Religião e Mestre em História pela Universidade Católica de Pernambuco-UNICAP. E-mail: rosildohts@yahoo.com.br

² Companhia Editora de Pernambuco-CEPE, **Circulares Pós-conciliar**, Carta Circular, Recife, 2/3.1.1974

tornou-se padre com 22 anos em 1932, ficando no Ceará 27 anos e viajando para morar no Rio de Janeiro onde ficou 28 anos.

No Rio de Janeiro trabalhou com o cardeal dom Sebastião Leme no qual construiu uma grande amizade, porém, com sua morte, assumiu a arquidiocese dom Jaime Barros. Esse nomeou dom Helder bispo auxiliar e o deixou responsável por várias tarefas na arquidiocese.

Com isso, Helder Camara ganhou prestígio dentro da Igreja Católica, principalmente quando organizou e criou a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil-CNBB em 1952. Assim, em 1955 ele organizou o Congresso Eucarístico Internacional que foi brilhantemente realizado, após esse evento, o Cardeal francês Gerlier de Lyon propôs que dom Helder usasse sua habilidade de organizador para favorecer os pobres. Imediatamente dom Helder disse que dedicar-se-ia a causa dos pobres.

Pilette e Praxedes alegam:

Este é o momento de virada na minha vida. O senhor poderá ver minha consagração aos pobres não estão convencido de possuir dotes excepcionais de organizador, mas todo o dom que o Senhor de confiou colocarei ao serviço dos pobres. (PILETTI; PRAXEDES, 1997, p. 233).

Portanto, Helder Camara criou a Cruzada São Sebastião para conceder apartamentos para os favelados do Rio de Janeiro e logo após, o Banco da Providência que socorria aqueles que estavam endividados. No Recife, criou a Operação Esperança-OE para ajudar os pobres desabrigados das enchentes. Nesse período no Recife, Helder denunciou várias injustiças, convocando a população a realizar uma transformação das estruturas sociais.

Dom Helder: os movimentos de combate à miséria, a mãe de todas as violências

O Dom, como era popularmente chamado, diante da situação de miséria e injustiça no Recife, esteve presente perante as vítimas da violência nº 1, para Helder essa era a mãe de todas as violências, Helder Camara esclarece: “quando surgirá o dia em que os governos vão perceber que o caminho único para atingir a paz social é a coragem de ir à razão do mal e de enfrentar as injustiças, que são a violência- mãe de todas as violências!”³. Assim, Helder visitava os alagados e mocambos do Recife, observando e solidarizando com os pobres e marginalizados. Helder Camara fala desta violência afirmando que a bomba que destruiu e matou centenas de pessoas na Segunda Guerra Mundial era chamada de Bomba H⁴, no entanto, havia, uma bomba

³ Companhia Editora de Pernambuco-CEPE, Palestra realizada por Dom Helder na Conferência para coordenar e planificar a ação não-violenta na América Latina, Costa Rica, 30.5.1971

⁴ Bomba de Hidrogênio.

preste a explodir que terá consequências desastrosas, é a bomba M, “será que os senhores da bomba H medem exatamente a força e as consequências da miséria, a bomba M?” (CAMARA, 1971, p. 14). De fato, a revolta dos oprimidos e marginalizados era um fato, provocada, principalmente, pela situação de miséria e injustiça do povo brasileiro.

A violência número dois, elencada por dom Helder era a revolta dos oprimidos. Diante disso, percebemos que no arcebispado do Dom houve em Pernambuco greves de trabalhadores rurais e marchas de jovens contestando o governo militar. Os oprimidos mostravam que podiam gritar, deixavam de serem massas para se tornaram povo organizado, havendo com isso, o apoio de dom Helder. Porém, as violências realizadas pelos movimentos de guerrilhas foram inequivocamente contestadas e reprovados pela Igreja.

Em relação a violência do Estado que ocorria no período do regime civil-militar brasileiro, Helder diz: “é a violência nº 3 – a repressão governamental, sob o pretexto de salvaguardar a ordem pública, a segurança nacional, o mundo livre” (CAMARA, 1971, p. 22). De fato, os militares perseguiram, prendiam e torturavam alegando a ordem pública, segurança nacional.

A violência estava em franco crescimento durante a ditadura civil-militar, nesse período, os membros das Igrejas foram extremamente violentados nos seus direitos. Leigos foram presos e torturados, bispos como dom Helder teve sua residência metralhada pelos grupos ultraconservadores paramilitares. Porém, não conseguindo prender e matar dom Helder, executaram os seus colaboradores mais próximos como ocorreu com o padre Antônio Henrique, um padre recém ordenado pelo Dom, considerado como um filho, ele atuava nas comunidades pobres encarregado da pastoral da juventude. O grupo paramilitar chamado Comando Caça Comunista-CCC⁵, deu seu aviso para o Arcebispo, sequestrando e matando com crueldade o jovem padre. Este fato deixou dom Helder extremamente abatido. O aparelho repressor da ditadura militar tentou ludibriar alegando vários motivos da morte do padre, Diogo Arruda Carneiro Cunha esclarece: “a explicação do assassinado contendo uma origem política, praticado pelo aparato repressivo do Estado com o intuito de atingir dom Helder Camara se dar alguns meses depois” (CUNHA, 2007, p. 130).

⁵ O CCC surgiu como resultado da fusão de vários grupos de extrema direita, entre os quais a “Canalha” do Colégio Mackenzie e os “Matadores” da Faculdade de Direito do largo de São Francisco. Em 1964, participou ativamente do movimento que depôs o presidente João Goulart, atuando principalmente na tomada da Companhia Telefônica de São Paulo e na ocupação das docas de Santos. Depois disso, só tornou a agir em 1968, quando, em carta aberta ao governador paulista Roberto Abreu Sodré, anunciou sua volta em função do que considerava a omissão do governo em face do “avanço comunista”. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Comando_de_Caca_aos_Comunistas. Acesso em: 15.4.2023.

A Repressão provocada pela ditadura militar continuou bastante evidente. Principalmente aos membros da Igreja Católica. Estes, padres e religiosos eram perseguidos e presos. O mais interessante é que os padres norte-americanos, país tipicamente capitalista e divulgador da doutrina anticomunista, sofreram perseguições e prisões, em especial aqueles que realizavam críticas ao governo militar brasileiro, “foram presos, no Bairro de dois irmãos, dois padres norte-americanos e dois leigos. Os leigos foram soltos, mas os padres estão presos. A polícia tem uma coleção do jornalzinho que, aos domingos, os padres distribuía durante as missas. Pura e simples conscientização das massas” (CAMARA, 2013, p. 338). Os outros padres americanos que atuavam na arquidiocese de Olinda e Recife estavam insatisfeitos com a prisão dos companheiros, queriam fazer protestos, como por exemplo: “não celebrariam as missas, deixariam a barba crescer, queiram ir para frente da prisão e cantar: daqui não saio, daqui ninguém me tira.” (CAMARA, 2013, p. 341). Porém, dom Helder alertou que a censura não deixaria o movimento ser divulgado pela imprensa.

Helder Camara desde o Congresso Eucarístico Internacional em 1955 conseguiu olhar com mais detalhes a situação dos pobres e marginalizados do Rio de Janeiro. Ele criou um movimento que tinha como objetivo a construção de apartamentos para os necessitados, chamado de Cruzada São Sebastião. Criada no dia 29 de outubro 1955. Assim, a Cruzada São Sebastião moveu grandes esforços de dom Helder para a sua realização, ele queria construir 10 edifícios com 910 apartamentos para os moradores das favelas. Para isso solicitou a ajuda do governo Federal e de empresários. No entanto, o dinheiro chegou muito devagar levando os seus colaboradores a grandes preocupações e sugeriram para dom Helder, articular com o Presidente da República para conseguir as terras alagadiças na margem da avenida Brasil e aterrará-la doando para à Cruzada, o Governo concordou, e com isso houve um alívio do caixa, como afirma Pilette e Praxedes: “no total chegaram a ser aterrados nada menos que 850 mil metros quadrados de área, e a venda dos terrenos acabou sendo, de longe, a principal fonte de receita da Cruzada São Sebastião, fornecendo quase 80% de recurso entre 1956 e 1960” (PILETTE; PRAXEDES, 1997, p. 239).

Dom Helder estava presente nestas favelas ajudando na medida do possível os moradores. A população dos favelados fazia vários comentários, dizendo que até mesmo os cachorros gostam de Dom Helder. O reporte conversando com um morador chamado Aguilardo da Conceição, afirmava: “o padre Helmi, para dizer Dom Helder, ajudava muito os favelados e todo mundo gastava dele, menino, homem, mulher, velha, todo mundo.” (REVISTA MANCHETE, 14.4.1956). De fato, a Cruzada São Sebastião chamava atenção de todos,

principalmente dos políticos, utilizando-a para fazerem propaganda, Márcio de Moraes salienta: “importante refletir que as favelas eram grandes nichos eleitorais e trabalhos como o da Cruzada atraíam as atenções dos partidos políticos. Desse modo, a CSS representava um cabo eleitoral respeitável e conquistar seu apoio daria vantagens da hora das disputas nas urnas.” (MORAES, 2021, p. 84).

Martinho Condini observa que dom Helder, com a Cruzada São Sebastião, tentava desmistificar as ideias corrente na época, sobretudo a que diz que o favelado é malandro, até hoje temos resquícios dessa ideologia.

Este trabalho com a população das favelas vai desmistificar a visão folclórica que possuía boa parte da população carioca. Apesar do favelado ser visto como foco de miséria, ele não era mais reconhecido como malandro, mas sim como chefe de família que enfrentava as condições mais adversas e injustas de uma estrutura que o excluía do processo de socialização. Através de seu trabalho, o religioso mostra aos setores preconceituosos e conservadores que o favelado é apenas o resultado da ausência de uma política de reforma agrária séria no país – ele não é um marginal, no sentido policial da expressão, mas um cidadão que vive à margem da sociedade. (CONDINI, 2004, p. 20).

Podemos observar que a preocupação do arcebispo de Olinda e Recife era como proporcionar aos favelados viverem em harmonia nos apartamentos. Um grupo de assistentes sociais junto com Helder elaboraram regras de conduta contemplando os homens, mulheres e crianças. Pensaram em criar um ambiente utópico centrado na ética religiosa católica.

Uma das normas que causava atenção é a ideologia do anticomunismo, por exemplo: o comunismo não resolve os problemas. Nesse período, dom Helder ainda estava absolvido pelas ideias do mundo dividido entre capitalismo e comunismo vivendo em um contexto de Guerra Fria⁶ e de repulsa as ideias comunistas principalmente orientado por parcela da Igreja Católica. Com o passar dos anos ele vai criando uma ideia diferente, afirmando que os problemas não são entre capitalismo e comunismo, mas entre os países desenvolvidos e subdesenvolvidos.

Em suma, a Cruzada São Sebastião movimentou a arquidiocese do Rio de Janeiro para realizar uma mudança essencial na concepção de favelados. Dom Helder dedicou-se, juntamente com seus colaboradores a acabar com as favelas no Rio de Janeiro. O Dom estava

⁶ A Guerra Fria foi um período marcado por um conflito político-ideológico travado entre Estados Unidos e a ex-União Soviética (URSS), entre 1947 e 1991. Esse período polarizou o mundo em dois grandes blocos, um alinhado ao capitalismo e outro alinhado ao comunismo. O termo “guerra fria” foi atribuído ao período pela primeira vez em 1945, pelo escritor britânico George Orwell, autor de *1984*. Após o fim da Segunda Guerra Mundial, marcada pelo bombardeamento das cidades japonesas de Hiroshima e Nagasaki, o escritor usou o termo em um ensaio prevendo que isso desencorajaria uma guerra aberta entre grandes potências, criando, em vez disso, “um permanente estado de ‘guerra fria’”. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Guerra_Fria. Acesso em: 15.4.2023.

motivado para resolver os problemas da pobreza na capital do país. Inicialmente com métodos assistencialistas, depois afirmando a importância das mudanças nas estruturas. Como afirma Servus Mariae, “a ação de D. Helder, no entanto, teve o grande mérito de chamar a atenção para o problema e provar a todos que algo poderia e deveria ser empreendido, deixando acima de tudo um testemunho da Igreja em favor dos pobres.” (MARIAE, 1994, p. 125).

O arcebispo de Olinda e Recife criou também o Banco da Providência que tinha como lema “Ninguém é tão pobre que não tenha o que oferecer. Ninguém é tão rico que não precise de ajuda.” O Banco da Providência também chamado de Banco de Deus recebia as doações e distribuía com as pessoas carentes. Inicialmente Helder sugeriu o banco dos enforcados, mas a Família do São Joaquim⁷ descartaram, permanecendo a denominação de Banco da Providência. As ajudas eram diversificadas e todas as pessoas podiam colaborar.

Piletti e Praxedes evidenciam:

Cada indivíduo poderia colaborar, de acordo com suas reais possibilidades, com dinheiro, materiais de construção, móveis e objetos novos ou usados, roupas e calçados, bolsas de estudo, uniformes e material escolar e também serviços de saúde, médicos e odontológico, cadeiras de rodas, aparelhos ortopédicos, assistência jurídica etc. (PILETTI; PRAXEDES, 1997, p. 251).

O Banco da Providência obteve grande sucesso. O Dom recebeu a colaboração de vários empresários e ajuda dos embaixadores de diversos países. O presidente do Brasil neste período era Juscelino Kubitschek que ofereceu Assistentes Sociais para colaborarem com o Banco da Providência.

Para sustentar o Banco da Providência foi criada a Feira da Providência que tinha como objetivo recolher donativos e vendê-los em feiras livres para conseguirem dinheiro, o principal intuito era sustentar o Banco, tudo isso com bastante transparência e colaboração. A Feira da Providência tornou-se um legado do período que dom Helder atuou na arquidiocese do Rio de Janeiro, essa tem atuação até hoje dessa Arquidiocese. Sobre a Feira da Providência Servus Mariae esclarece:

Com os resultados dessa Feira, fazia-se um plano de aplicação dos recursos até a feira do ano subsequente, sendo que os recursos de um ano deveriam ser aplicados integralmente naquele ano, confiando que a providência velasse para que não faltassem novos recursos para prover as necessidades do ano seguinte. (MARIAE, 1994, p. 125-126).

⁷ Dom Helder criou grupos de pessoas para colaborarem com as atividades sociais e os movimentos religiosos, ele chamou de Família, inicialmente Família do São Joaquim, morada do arcebispo do Rio de Janeiro. Porém, ao assumir a arquidiocese de Olinda e Recife, passou a chamar de Família Macejanense.

Na arquidiocese de Olinda e Recife dom Helder criou a Operação Esperança-OE, essa surgiu para resolver os problemas das famílias que estavam em situação de vulnerabilidade, devido as enchentes que aconteceram na cidade do Recife, ajudando-as, por meio de diversas formas. Edvaldo M. Araújo salienta: “a Operação Esperança foi lançada oficialmente em julho de 1965[...] De imediato organizou-se uma grande campanha para arrecadar roupas e alimentos para socorrer as milhares de pessoas desabrigadas” (ARAÚJO, 2012, p. 184). Podemos afirmar que houve uma participação efetiva dos políticos e dos movimentos sociais na realização da Operação Esperança, como diz Condini: “houve a participação de centenas de pessoas, entre eles governadores de Estado, deputados, militares, educadores, estudantes, representantes da indústria, comércio e entidades sindicais” (CONDINI, 2004, p. 27).

É bom frisar que dom Helder estava participando, nesse período, do Concílio Vaticano II quando soube da situação da população da cidade do Recife. Ele articulou um dos maiores movimentos de ajuda a população carente de Pernambuco. Utilizando a experiência anterior do Rio de Janeiro com a Cruzada São Sebastião e o Bando da Providência. No Rio de Janeiro o Dom Articulou de maneira magnífica o Congresso Eucarístico Internacional com elogios de várias camadas da população. A comprovada experiência do Rio lhe deu autoridade para organizar magnificamente um grande movimento em favor dos marginalizados do Nordeste.

Assim, com o movimento Operação Esperança-OE, ele mobilizou à população em favor dos necessitados da cidade e do campo, comprando alguns engenhos para doar às pessoas carentes.

Newton Cabral confirma:

Através da Operação Esperança, foram doados a 640 famílias, em meados dos anos 80, aproximadamente 23 hectares da favela do Tururu, cujo terreno pertencia à arquidiocese. Também foram comprados três engenhos, entre 1971 e 1974, financiados pela Misereor, Adveniat e pelo montante do Prêmio Popular da Paz com o qual D. Helder foi agraciado. Para alguns mais entusiastas, tais iniciativas teriam representado uma espécie de reforma agrária experimental. (CABRAL, 2020, p. 60-61).

Sem dúvida, para comprar engenhos precisava de dinheiro, em vista disso, ao ganhar o Prêmio Popular da Paz, três vez maior que o Prêmio Nobel da Paz, dom Helder comprou um engenho para assentar famílias sem-terra, Condini esclarece: “dom Helder recebeu 300 mil dólares pelo Prêmio Popular da Paz, em Oslo, Noruega, e em Frankfurt, Alemanha. A Operação Esperança investiu o valor na compra de outro engenho com área de 810 hectares, no município de Amaraji, Pernambuco” (CONDINI, 2014, p. 100).

Diante disso, observamos que a Reforma Agrária era um dos objetivos de dom Helder, por um lado, tentou iniciar com as terras da Arquidiocese, mas não deu certo, por outro, investiu os recursos na Operação Esperança para criar modelos de reforma agrária em Pernambuco. Porém, o problema da terra no Brasil era muito grave, gerando enormes conflitos e mortes. Os engenhos doados pelo Dom funcionavam com o protagonismo dos agricultores, esses criaram pequenas comunidades, cultivando seus alimentos e vendiam o excedente, havendo um ambiente de cooperação, Marcos de Castro salienta:

[...] no caso da Operação Esperança, essas pequenas comunidades resolveram não adquirir oficialmente o caráter cooperativo, porque infelizmente isto cria complicações, ao lado de algumas facilidades. Mas há o espírito cooperativo. Porque o que se quer provar é que, quando criaturas humanas trabalham a própria terra, trabalham o que é seu, trabalham com outro entusiasmo. E o que se esperam, apesar de todas as dificuldades, é que esta experiência, que não tem a pretensão de resolver um problema que só a reforma agrária resolveria, chame a atenção para o modelo de vida das pequenas comunidades[...] (CASTRO, 1978, p. 132).

No entanto, os militares no poder observavam atentamente todos os auxiliares do Arcebispo que atuavam na Operação Esperança, onde muitas vezes perseguiram e torturavam. O caso exemplar é o de Vieira que trabalhava na OE e foi acusado pelo IV Exército do Recife de ser comunista e subversivo, esse caso gerou um problema para Helder Camara, “chegou notícia de que o Gen. do IV exército (que ferve de ódio, quando escuta meu nome) estava radiante: afinal, tinha provas na mão de que sou arcebispo vermelho, o suscitador de guerrilha, o comunista,[...]”⁸. Porém, no final, dom Helder consultou os padres que indicaram Vieira, e percebeu que era apenas acusações infundadas. O Dom, com isso, enviou uma carta para o general do IV Exército falando das pessoas que colaboravam na Operação Esperança e estão desaparecidas. Indubitavelmente, dom Helder foi além, levou o problema para os bispos que fazem parte do Comissão Bipartite.⁹ Essa Comissão reunia alguns bispos e militares para dialogarem sobre soluções para os problemas entre à Igreja e o Estado, primando por um diálogo, entretanto, os órgãos de informações orientavam a não dar atenção a essa Comissão.

Carlos Fico explica:

⁸ Companhia Editora de Pernambuco-CEPE, **Circulares Pós-conciliares**, 158º circular, Recife, 9/10.8.1973

⁹ Desde 1970 estava em funcionamento uma Comissão Bipartite, formada por representantes da cúpula militar e do poder eclesiástico no Brasil, que se reuniam sigilosamente para discutir “casos de violação dos direitos humanos e o fim do cerceamento da liberdade de expressão e da perseguição política”. Do lado militar o principal articulador do Bipartite era o general Antônio Carlos Muricy, antigo conhecido de dom Helder, e do lado da Igreja participavam vários de seus amigos, como dom Eugenio Sales, dom Aloisio e dom Ivo Lorscheider e dom Fernando Gomes. (PILETTI;PRAXEDES, 1997, p. 397).

A comissão bipartite não tem caráter oficial. É constituída por militares, civis de alto nível e elementos do clero que se reúnem periodicamente para trocarem pontos de vista através de palestras sobre as relações entre a Igreja católica e o Estado [...]. Eles (a alta hierarquia) acham que é um direito da Igreja intervir e participar nos problemas sociais-econômicos do país e usam o Evangelho para contestar o que está estabelecido em nossa Constituição – o regime e, particularmente, o sistema capitalista. Aliás, em todos os documentos oficiais da CNBB, e mesmo do Vaticano, nos últimos anos sobre o assunto, são claras as manifestações condenando o capitalismo e o comunismo. A triste verdade é que a Igreja católica, em sua quase totalidade, optou pelo socialismo, ou pela socialização, o que dá na mesma. Mesmo que a alta hierarquia no Brasil, isto é, o cardeal e a CNBB, quisessem reprimir os padres subversivos, faltar-lhes-ia autoridade para isso. Ela está organizada em dioceses, chefiadas por bispos e arcebispos, que são subordinados diretamente ao papa [...]. Por cima de tudo, já há provas de que a própria autoridade dos bispos está sendo contestada pelos padres. Enfim, a Igreja católica está em franco processo de deterioração. [...] Conclusão: não há acordo possível, o governo não pode e não deve esperar nada da dita hierarquia, o governo deve manter a iniciativa da repressão contra os subversivos. [...]Se necessário, cortar determinadas subvenções." (FICO, 2001, p. 192-193).

O arcebispo de Olinda e Recife, por meio da Operação Esperança-OE, tentou dar protagonismo para os excluídos, criando os Conselhos de Moradores que tinham o objetivo de conscientizar e solucionar os problemas dos bairros, ele queria, com isso, que tivesse em cada área-desafio um conselho de morador eleito pela comunidade com duração de dois anos. Na 26ª Carta Circular de 1966, dom Helder afirma quais os maiores inimigos dos Conselhos de Moradores que podem dificultar o trabalho nos bairros e conseqüentemente impossibilitar a transformação social,

A desunião da comunidade a Operação Esperança não trabalha em área-desafio que não se una em vista do bem de todos, do bem comum; o desânimo, o pessimismo, o fatalismo de achar que não adianta tentar, que vai dar em nada, que de promessa e mentira o povo anda cheio; a tentação de achar que o governo tem a obrigação de fazer tudo e que o povo não tem nada que trabalhar de graça para o governo. (CAMARA, 2011, p. 86).

Os Conselhos de Moradores foi de suma importância para organizar à comunidade. Nesses havia a presença da Igreja Católica que estava sustentada pelas ideias da Teologia da Libertação e ancorada no Concílio Vaticano II. Nos Conselhos de Moradores não era permitido a participação de partidos políticos. Indubitavelmente dom Helder era o incentivador dos Conselhos, como afirma Geane Bezerra Cavalcanti:

[...] uma da sua iniciativa foi estimular o surgimento dos conselhos de moradores, os quais tinha por finalidade identificar as lideranças locais e estimular o processo de conscientização dos moradores em relação a sua comunidade. Assim, surgiram inúmeros conselhos de moradores nos altos, córregos e em outras áreas pobres do Recife. Esses movimentos estavam

ligados à Igreja, contavam com o apoio dos padres e freiras estimulados por D. Helder a trabalharem com a população carente. Os líderes comunitários reuniam-se em assembleias para discutir as necessidades das comunidades, reivindicavam melhorias para os seus bairros através de abaixo assinado e pequenas manifestações e protestos. Os conselhos de moradores também possuíam um papel assistencialista, alguns ofereciam cursos profissionalizante e neles também eram realizadas vacinações, atividades culturais e de educação. (CAVALCANTI, 2017, p. 92).

Portanto, dom Helder Camara em junho de 1965 ao chegar do Concílio Vaticano II constatou a calamidade das enchentes do rio Capibaribe, como observamos na Carta Circular 223º, ele comentou: “encontrei Recife e outras cidades pernambucanas em plena calamidade, em plena inundação.” (CAMARA, 2009, p. 166). Ele logo articulou os seus padres e o poder político, como por exemplo, o governador e prefeito gravando programas nas rádios, TV e principalmente organizou-se com a SUDENE¹⁰ que por sinal, contribuiu com os técnicos que estavam à disposição do Arcebispo. Helder Camara criou inicialmente o nome do movimento de “Operação A”, realizando ajuda imediata aos desabrigados, com mantimentos, agasalhos, colchões etc. No segundo momento houve a “Operação B” onde começou os contatos com diversas instituições para melhorar o ambiente em que moravam. O movimento de Dom Helder recebeu ajuda de uma instituição que foi combatida pela Igreja na época em que o bispo do Recife no século XIX, era Dom Vital, a instituição à Maçonaria¹¹. A Maçonaria, como outras instituições, contribuiu para ajudar a Operação Esperança, dom Helder construiu diversas amizades com os maçons sem preconceitos e absolutamente despido de espírito de intolerância.

¹⁰ A Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste, criada pela Lei no 3.692, de 15 de dezembro de 1959, foi uma forma de intervenção do Estado no Nordeste, com o objetivo de promover e coordenar o desenvolvimento da região. No esforço de criação da Sudene estiveram presentes empresários industriais, políticos interessados no desenvolvimento industrial da região, representantes de forças populares e de esquerda - como Francisco Julião, das Ligas Camponesas -, além de membros da Igreja envolvidos em ações de combate à pobreza - como D. Eugênio Sales e D. Helder Câmara. A Sudene foi criada como uma autarquia subordinada diretamente à Presidência da República, e sua secretaria executiva coube a Celso Furtado. De 1959 a 1964, Celso Furtado foi responsável pela estratégia de atuação do órgão, definida a partir do diagnóstico apresentado em seu livro *A operação Nordeste*, de 1959. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Superintendencia_do_Desenvolvimento_do_Nordeste. Acesso em: 15.4.2023.

¹¹ A maçonaria se moldou a partir das fraternidades de pedreiros medievais que usavam palavras e símbolos secretos para reconhecer a legitimidade uns dos outros e, assim, proteger seu trabalho de estranhos. Durante alguns períodos, os maçons foram perseguidos, inclusive por nazistas, e precisaram ficar na clandestinidade para sobreviver. Conflitos marcantes entre maçons e a Igreja Católica ocorrem desde o século 18, marcado pelas primeiras condenações pontificias. Mas isso se agravou no decorrer do século 19. No século 19, o Vaticano até chamou os maçons de "a Sinagoga de Satanás". A discussão foi ainda mais longe em 1983, quando o Vaticano emitiu uma declaração afirmando que os princípios maçônicos “sempre foram considerados inconciliáveis” com sua doutrina, e declarou que a adesão estava proibida. “Os fiéis que se inscrevem em associações maçônicas estão em estado de pecado grave e não podem receber a Sagrada Comunhão”, prevê o documento. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Maçonaria>. Acesso em: 15.4.2023.

Considerações Finais

Dom Helder Camara esteve presente nos vários movimentos de combate à miséria no Rio de Janeiro e no Recife. Ele denunciava à situação infra-humano dos moradores das favelas, porém, criava movimentos para conscientizá-los e ajudá-los a saírem da miséria.

Para Helder Camara a violência nº 1 eram a miséria e as injustiças, assim, precisavam combatê-las para ocorrer mudanças significativas das estruturas sociais. Os movimentos criados por dom Helder inicialmente tinham o caráter assistencialista, no entanto, havia momentos, de extrema importância, de o povo assumirem suas responsabilidades, como no caso da compra de terrenos para reforma agrária realizada pela Operação Esperança.

Fontes utilizadas

Companhia Editora de Pernambuco, **Revista Manchete**, 14.04.1956.

Companhia Editora de Pernambuco-CEPE, **Circulares Pós-conciliares**, 158º circular, Recife, 9/10.8.1973

Companhia Editora de Pernambuco-CEPE, **Circulares Pós-conciliar**, Carta Circular, Recife, 2/3.1.1974

Companhia Editora de Pernambuco-CEPE, **Palestra**, Costa Rica, 30.5.1971.

Referências

ARAÚJO, Edvaldo M. **Dom Helder Camara**. Profeta-Peregrino da justiça e da paz. Pensamento teológico e antropológico. Aparecida: Ideias e Letras, 2012.

CABRAL, Newton Darwin de Andrade. **Onde está o povo, aí está a Igreja?** História e memórias do Seminário Regional do Nordeste II, do Instituto de Teologia do Recife e do Departamento de Pesquisa e Assessoria [recurso eletrônico]. Recife: Ed. da UFPE, 2020.

CÂMARA, Dom Helder. **Espiral de violência**. Porto: Poveira, 1971.

CASTRO, Marcos de. **Dom Helder, o bispo da esperança**, Rio de Janeiro: edições Graal, 1978

CAVALCANTI, Geane Bezerra. **Lutas e resistência dos moradores da periferia da cidade do Recife**(1955-1988). Dissertação (Mestrado em História Social) Universidade Rural de Pernambuco-UFRPE, Recife, 2017.

CONDINI, Martinho. **Fundamentos para uma educação libertadora: Dom Helder Camara e Paulo Freire**. São Paulo: Paulus, 2014.

CONDINI, Martinho. **Dom Hélder Câmara: modelo de esperança na caminhada para a paz e justiça social**. 2004. Dissertação (mestrado em ciência da religião) Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2004.

CUNHA, Diogo Arruda Carneiro da. **Estado de Exceção Igreja Católica e Repressão: O assassinato do padre Antônio Henrique Pereira da Silva Neto**. Dissertação (Mestrado em História) Universidade Federal de Pernambuco-UFPE, Recife, 2007

FICO, Carlos. **Como eles agiam**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

MARIAE, Servus. **Para entender a Igreja no Brasil**: a caminhada que culminou no Vaticano II(1930-1968). Petrópolis: Vozes, 1994.

MORAES, Márcio André Martins. **Vamos ao âmago do problema**: A atuação de dom Helder Camara na defesa de um desenvolvimento integral para os países/regiões pobres do mundo(1964-1970). Tese (Doutorado em História) Universidade de São Paulo, São Paulo, 2021.

ROCHA, Zildo. Dom Helder Câmara. **Circulares interconciliares**: Vol. II. T. III (de 18/19 de abril a 31 de agosto/ 1 de setembro de 1965). Recife: CEPE, 2009.

ROCHA, Zildo; SIGAL, Daniel (Org.). CAMARA, Dom Helder. **Cartas Circulares Pós-Conciliares**. Vol. III. T. II (de 31 de maio/ 1º junho a 26/27 de dezembro 1966). Recife: CEPE Ed. Instituto Dom Helder Câmara, 2011.

ROCHA, Zildo; SIGAL, Daniel (Org.). CAMARA, Dom Helder. **Cartas Circulares Pós-Conciliares**. Vol. IV. T. II (de 25/16 de fevereiro de 1968 a 30/31 de dezembro de 1968). Recife: CEPE Ed. Instituto Dom Helder Câmara, 2013.

PILETTI, Nelson; PRAXEDES. Walter. **Dom Hélder Câmara**: entre o poder e a profecia, São Paulo: Editora Ática, 1997.